

Mundo Desnovo

José M. da Silva

Foram tempos sofridos
combalidos
absurdos que se acumulavam
condições que se deterioravam
parecia uma distopia, uma anomalia
no espaço-tempo – desalento
um trágico acontecimento
foi uma surpresa, um evento descabido
inaceitável, imponderável
descspero, destempero, algo incrível
o mundo preocupado, curvado,
despreparado, impossibilitado
ruas desertas, caras cobertas

discussões, elucubrações, vigílias, homilias
o presente anuvioso, o futuro duvidoso
foram tantas especulações de todos os lados,
de todos os tipos
o que fazer
o que pensar
o que dizer
o que anunciar
o que acatar
o que refutar

enquanto eu deprimia, desistia, observava

governos disputando com a ciência



peças questionando a coerência
o reinado da opinião, da desunião,
da contradição
a luta pelo poder, pela ribalta
pela primazia da informação
não podemos esquecer do dinheiro, diziam
a morte é só um detalhe, concluíam
a religião, o sobrenatural, o erro conjuntural
o caos emocional, o destempero conjugal,
a violência estrutural
remédios escassos, políticos devassos

enquanto eu bebia, dormia, paralisava

o ar exalava tensão,
o pensamento recendia solidão
tentou-se fazer o infazível, viver o invivível
e foi quando (re)surgiu
o que sempre tocou o ser humano
o que critica, questiona e faz alarde
a arte – multiforme, revisitada, improvisada
com a tecnologia, em plena letargia

enquanto eu refletia, discutia, me divorciava

mas o vírus evoluía, seguia em sua destruição
e muitos governos brigavam,
mantinham sua negação
populações regrediam, pessoas se omitiam
o dinheiro reinava, o poder deturpava
os megarreligiosos curadores estavam de férias
e a desinformação grassava

negacionismo, estupidismo, imbecilismo,
regrecionismo
palavras inventadas, verdades incontestadas
enquanto eu me protegia, aprendia, me irritava

anos de pandemia, anos de atrofia
endinheirados prosperaram,
empobrecidos definharam
a vida parou, tudo mudou
ainda não acabou – acabará?
não existe novo normal – existirá?
o antigo normal acabou
felizmente
pois tudo acaba, tudo muda, tudo renasce
só a dor ensina
adaptação, reformulação
o mundo sempre foi assim
não foi a primeira hecatombe, mortandade
mas por aqui foi a segunda grande carnificina
a primeira militarizada, impingida
esta, banalizada, idiotizada, mediocrizada,
digitalizada

enquanto eu agonizo

em alguma desconhecida unidade de saúde,
em meio a toda essa decrepitude
a essa pseudomoralização,
pseudorreorganização, pseudorrepolitização
do país, tudo que eu não quis
enquanto a mídia romantiza, o herói se eterniza

as enchentes continuam, a corrupção se mantém,
com apoio do cidadão de bem
não é só o vírus que nos mata
é o desgoverno, a desinformação, a alienação
enquanto tudo é o mesmo, o país segue a esmo
nada mudou, nada melhorou
no fundo, é tudo tão banal, tão igual
tão repetitivo, tão improdutivo
não existe rccomeço, nem a decantada,
banalizada história de superação
a vida sempre foi luta, resistência, rejeitar a
excrescência,
sair da dormência
berrar contra a incompetência
deve-se retomar agora de onde tudo parou,
empurra-se o carro que atolou
não tá tudo bem, não tá nada bem
enfim, há luz além – sempre tem

enquanto fingem que acabou,
que o pior já passou,
que a paz retornou
enquanto eu só existo porque resisto,
porque insisto, porque persisto
porque me atrevo, porque escrevo
quem sabe em meus últimos dias,
momentos, alentos
descrevo os tormentos, registro o sofrimento
pra mim mesmo, pra alguém
ou pra ninguém